

Violência Urbana: uma análise no município de Vitória – ES

Pablo Silva Lira / IJSN pabloslira@gmail.com

Resumo: A partir de idéias e contribuições de várias correntes do pensamento sócio-espacio-temporal, a saber, Urbanismo, Geografia, História, Filosofia, Sociologia, Economia, Criminologia e Arquitetura, esta pesquisa busca identificar os fatores urbanos ponderantes que podem influenciar a dinâmica criminal e/ou vice-versa. Nossas estratégias metodológicas foram desenvolvidas por meio da produção de uma coletânea de mapas e da interpretação cartográfica, de dados criminais, informações sócio-econômicas e dados referentes à distribuição espacial de equipamentos e serviços coletivos, que proporcionaram o detalhamento das estruturas e processos da área de estudo, a capital do estado do Espírito Santo, Vitória. Dessa maneira, nossa análise se baseou na investigação desses fatores com o objetivo de compreender melhor a correlação dialética entre a cidade e a violência.

Palavras-chave: Violência Urbana; Geografia do Crime; Análise Espacial; Sistema de Informação Geográfica (SIG).

Resumo expandido:

O aumento das ocorrências criminosas no Brasil tornou inegável a importância dos estudos sobre violência. Com base no sistema de informação da Organização Mundial da Saúde (OMS), constata-se que, no ano de 2004, entre 84 nações selecionadas, o Brasil ocupou a 4ª posição no ranking da taxa bruta (TB) de homicídio. Com a taxa de 27 assassinatos por 100 mil habitantes, o país somente apresentou situação favorável em relação à Colômbia, Rússia e Venezuela, regiões que possuem sérios problemas de repercussão internacional: conflitos bélicos e políticos, atuação de esquadrões da morte, cartéis do narcotráfico e/ou comércio ilegal de armamentos pesados (WHOSIS, 2006). Ao analisar o comportamento desse mesmo indicador em nível nacional, percebe-se que Alagoas (tx: 60,3), Espírito Santo (tx: 56,3) e Pernambuco (tx: 50,9) evidenciaram os maiores valores da taxa de homicídio, por 100.000 habitantes, em 2008¹. O problema dos homicídios em território capixaba torna-se ainda mais ressaltado pela posição de destaque da Região Metropolitana da Grande Vitória² (tx: 77,1), que ocupou o 2º lugar no *ranking* da taxa de homicídios por 100 mil habitantes, superada somente pela Região Metropolitana de Maceió (tx: 87,2), e devido à situação de Vitória (tx: 58,5) que apresentou a 3ª maior taxa da classificação por capitais, inferior somente à Maceió (tx: 101,0) e Recife (tx: 62,8) (SIM/DATASUS, 2011).

Além dos homicídios, que representam o nível extremo que a violência pode alcançar, outros tipos de criminalidade violenta, como tentativa de homicídio, lesão corporal e roubo, são constatados cotidianamente no município de Vitória. Sabendo disso e partindo do pressuposto de que o sistema da violência encontra-se arraigado a fatores estruturais, esta pesquisa visa identificar, por meio da análise do processo de urbanização e a correlação de variáveis criminais e informações demográficas, eventuais determinantes que podem estar influenciando a dinâmica criminal da cidade de Vitória, nossa área de estudo.

¹ Até a presente data, 2008 foi o ano mais recente em que o Ministério da Saúde disponibilizou as informações sobre homicídio no Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM/DATASUS).

² A Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) é composta pelos municípios de Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória. Com exceção de Fundão e Guarapari, os demais municípios da RMGV formam a Aglomeração da Grande Vitória, que se caracteriza como uma típica conurbação.

Violência Urbana: uma análise no município de Vitória-ES

Pablo Silva Lira³

Este trabalho consiste em uma análise da distribuição espacial da criminalidade violenta no território capixaba. A partir de idéias e contribuições de várias correntes do pensamento sócio-espaco-temporal, a saber, Urbanismo, Geografia, História, Filosofia, Sociologia, Economia, Criminologia e Arquitetura, esta pesquisa busca identificar os fatores urbanos ponderantes que podem influenciar a dinâmica criminal e/ou vice-versa, construindo e geoprocessando o Índice de Violência Criminalizada (IVC). Gráficos, construídos a partir de dados adquiridos junto aos bancos de dados oficiais, e Mapas, confeccionados no ambiente de trabalho do Sistema de Informação Geográfica (SIG), facilitaram a representação do escopo do estudo. Assim, pretende-se discutir algumas hipóteses que buscam explicar a lógica da distribuição espacial da criminalidade violenta na capital do estado, Vitória.

Palavras-chave: Geografia do Crime; Índice de Violência Criminalizada (IVC); Análise Espacial; Sistema de Informação Geográfica (SIG).

1- INTRODUÇÃO

O aumento das ocorrências criminosas no Brasil tornou inegável a importância dos estudos sobre violência. Com base no sistema de informação da Organização Mundial da Saúde (OMS), constata-se que, no ano de 2004, entre 84 nações selecionadas, o Brasil ocupou a 4ª posição no *ranking* da taxa bruta (TB) de homicídio. Com a taxa de 27 assassinatos por 100 mil habitantes, o país somente apresentou situação favorável em relação à Colômbia, Rússia e Venezuela, regiões que possuem sérios problemas de repercussão internacional: conflitos bélicos e políticos, atuação de esquadrões da morte, cartéis do narcotráfico e/ou comércio ilegal de armamentos pesados (WHOSIS, 2006, *on-line*).

Ao analisar o comportamento desse mesmo indicador em nível nacional, percebe-se que Pernambuco, Espírito Santo e Rio de Janeiro evidenciaram os maiores valores da taxa de homicídio (por 100.000) em 2004, respectivamente 50,6, 49,1 e 49. O problema dos

³ Geógrafo Mestre em Arquitetura e Urbanismo – UFES; Coordenador de Estudos Territoriais – IJSN; pablo.lira@ijsn.es.gov.br (Grupo de Trabalho: GT 6 - Cidades e dinâmicas territoriais).

homicídios em território capixaba torna-se ainda mais ressaltado pela posição de destaque da Região Metropolitana da Grande Vitória⁴ (TB: 78,2), que ocupou o 1º lugar no *ranking* da taxa por 100 mil, seguida pelas Regiões Metropolitanas do Recife (68,5) e de Belo Horizonte (56,7), e devido à situação de Vitória (TB: 61,1) que apresentou o 3ª maior índice da classificação por capitais, inferior somente à Porto Velho e Recife, valores respectivos de 67,2 e 65,4 homicídios por 100 mil habitantes (SIM/DATASUS, 2005, *on-line*).

Além dos homicídios, que representam o nível extremo que a violência pode alcançar, outros tipos de criminalidade violenta, como tentativa de homicídio, lesão corporal, ameaça, estupro, roubo, furto e tráfico de entorpecentes, são constatados cotidianamente no município de Vitória.

Sabendo disso e partindo do pressuposto de que o sistema da violência encontra-se arraigado a fatores urbanos e sócio-econômicos, este estudo introduz o Índice de Violência Criminalizada (IVC) com o intuito de complementar a análise da distribuição espacial do fenômeno pesquisado, que não se resume somente à problemática dos homicídios.

Tal índice é formado pela conjugação de indicadores que são constituídos por grupo de variáveis criminais. Por meio da correlação com informações sócio-econômicas, o IVC visa facilitar o entendimento sobre os fatores estruturais que provavelmente influem na dinâmica criminal, bem como fornecer subsídios para a proposição de políticas públicas e estratégias de prevenção, controle e combate à violência na capital do Espírito Santo⁵.

1.2- UMA DEFINIÇÃO EM CONSTRUÇÃO

Sabe-se que a palavra violência pode possuir e/ou representar diversos significados. A dificuldade na definição do que é violência nos remete a uma análise etimológica, necessária ao embasamento das idéias contidas neste trabalho.

A palavra “violência” vem do latim *violentia*, que se refere a *vis* que, por sua vez, quer dizer vigor e potência no emprego da força física, mas também quantidade, abundância, essência ou

⁴ A Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) é composta pelos municípios de Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória. Com exceção de Fundão e Guarapari, os demais municípios da RMGV formam a Aglomeração da Grande Vitória, que se caracteriza como uma típica conurbação.

⁵ Em caráter introdutório e experimental, os bairros da cidade de Vitória foram escolhidos como unidades de análise para o cálculo do IVC.

caráter essencial de uma coisa. Mais precisamente, a palavra *vis* significa energia em ação, o recurso de um corpo para exercer sua pujança e, portanto, a potência, o valor, a força vital (HARPER, 2001, *on-line*).

De acordo com Zaluar (1999, p. 08) a força supracitada torna-se violência quando transgredir limites ou perturba acordos tácitos, regras ou normas que ordenam as relações sociais. A autora ainda aponta que é a percepção do limite da perturbação e do sofrimento alheio que caracteriza um ato como violento, percepção esta que varia cultural e historicamente.

As sensibilidades para o excesso no uso da força física,

[...] seja em termos do sofrimento pessoal ou dos prejuízos à coletividade, dão o sentido e o foco para a ação violenta. Além de polifônica no significado, ela é também múltipla nas suas manifestações. Do mesmo modo, o mal a ela associado, que delimita o que há de ser combatido, tampouco tem definição unívoca e clara. Não é possível, portanto, de antemão, definir substantivamente a violência como positiva e boa, ou como destrutiva e má (ZALUAR, 1999, p. 08).

Como se percebe, diversos significados recobrem a palavra violência. Considerando a complexidade envolvida na discussão, o termo impossibilita uma definição clara. Dessa forma, sua conceituação não é uma das tarefas mais fáceis. Segundo Pinheiro e Almeida (2003, p. 14), não obstante de um significado “aparentemente tão simples, de uso tão banal, ‘violência’ tende a ser uma palavra complicada”.

Considerando a definição utilizada pela Organização Mundial da Saúde⁶ (OMS) e buscando contribuir para uma ampliação do conceito, trataremos a violência como o uso da força física, aí incluído o uso de armas, ou do poder, real ou potencial, abrangendo as ameaças, intimidações e opressões explícitas, implícitas e/ou simbólicas, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra uma coletividade, que resulte em morte, invalidez, lesão, trauma psicológico, dano econômico e/ou privação.

3- TIPOLOGIA DA VIOLÊNCIA

⁶ "Uso intencional da força física ou do poder, real ou potencial, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação" (KRUG, 2002, p. 05).

A violência pode ser estudada a partir de diferentes perspectivas. A exemplo disso, Waiselfisz (2004, p. 11), no trabalho Mapa da Violência, destaca e analisa três tipos de violência, a violência no trânsito, a auto-violência (suicídio) e a violência entre pessoas (homicídio). Bourdieu (2003, p. 48), por sua vez, designa a atenção para a violência simbólica, ou seja, aquela que não se faz sentir fisicamente de imediato, mas que pertence ao conjunto dos instrumentos que compõem a lógica do poder simbólico.

Na verdade, existem inúmeras tipologias e formas de abordagem da violência, contudo nenhuma dessas consegue tratar esse fenômeno multifacetado em sua totalidade. A OMS, por exemplo, utiliza uma tipologia que permite a caracterização de diversos tipos de violência, sendo, assim, utilizada por vários estudiosos. Essa tipologia classifica as violências, embasando-se nas formas e circunstâncias do ato violento, em três grandes categorias: violência auto-infligida, violência interpessoal e violência coletiva⁷.

A *violência auto-infligida* é aquela dirigida ao próprio autor da prática violenta e pode ser subdividida em comportamento suicida (suicídios tentados e consumados) e comportamento auto-abusivo (auto-mutilação). Cabe destacar, que esta categoria está presente no trabalho supracitado de Waiselfisz. Todavia, não a utilizaremos nesta pesquisa, pois pretendemos direcionar o escopo da pesquisa para segunda categoria proposta pela OMS, a violência interpessoal.

A *violência interpessoal* que caracteriza, em termos gerais, a violência entre as pessoas, também, é dividida em duas subcategorias: violência da família e dos parceiros íntimos, aquela que em geral, mas nem sempre, ocorre dentro de casa (abuso infantil, estupro marital, ameaça, entre outros) e violência comunitária, aquela que ocorre entre pessoas sem laços de parentesco ou amizade (vias de fato, roubo em veículo coletivo, latrocínio etc.).

No Brasil, os estudos sociológicos e antropológicos utilizaram muito o conceito de “violência interpessoal” para descrever os atos violentos ocorridos entre pessoas que possuíam certo grau de parentesco, consangüíneo ou não. Dessa forma, o termo violência interpessoal acumulou uma certa carga simbólica, em seu significado, que o aproximou da idéia de violência doméstica.

⁷ Vale ressaltar, que a tipologia aqui exposta é passível de variações e evoluções, não sendo engessada e muito menos excluída de críticas e sugestões.

Buscando evitar qualquer pré-conceito que esteja encoberto no referido termo, sugerimos a introdução dos conceitos de *violência interpessoal doméstica* e *violência interpessoal comunitária* para designar, de maneira clara, com base no significado das palavras, as idéias de “violência familiar e dos parceiros” e “violência comunitária”.

Por último, a OMS utiliza a categoria *violência coletiva* para caracterizar a atuação de grupos organizados perpetradores da violência em massa. Na verdade, este conceito é composto pela combinação concomitante e organizada de várias violências interpessoais. No caso da violência coletiva política, temos o exemplo das guerras e conflitos armados para ilustrar a natureza da mesma. A violência coletiva social, por sua vez, pode caracterizar a violência praticada pelos cartéis do narcotráfico. Já a violência coletiva econômica designa a violência operada por grupos de agentes motivados pelo ganho material (por exemplo, a corrupção).

Como se percebe, o conceito de violência interpessoal, seja ela isolada ou coletiva, é muito amplo e permite variações e adaptações diversas.

A criminalidade violenta é outro conceito que possibilita várias subdivisões. De acordo com pesquisadores adeptos da criminologia, esta categoria caracteriza toda violência que é sancionada pela lei e é reprimida pelo Estado e sociedade. O conjunto de delitos pré-determinados pela esfera jurídica e lógica legislativa penal vigente caracteriza os tipos de violência criminalizada. Na maioria dos casos, as práticas delituosas são registradas pelas ocorrências policiais, que utilizam critérios estabelecidos pelo Código Penal Brasileiro. Assim como a violência interpessoal, este termo remete a uma discussão mais aprofundada.

É importante salientar, que por estar inserida, geralmente, no contexto urbano, a criminalidade violenta também pode ser tratada terminologicamente como criminalidade urbana violenta.

4- CRIMINALIDADE URBANA VIOLENTA

Como visto no sub-item anterior, o tema violência é amplo e permite, ao mesmo tempo, uma ampla abordagem. Ainda que seu crescimento se faz sentir em inúmeras regiões e zonas do país, a distribuição espacial dos crimes violentos não ocorre de maneira homogênea no território nacional.

Em uma análise preliminar, observa-se que a criminalidade violenta está essencialmente concentrada nas áreas urbanas. Usualmente, sabe-se que conflitos de todos os aspectos e motivos também ocorrem nas zonas rurais. Entretanto, é na cidade que os conflitos e desentendimentos interpessoais aparecem com maior vigor, talvez pela própria estrutura centralizadora e concentradora que o meio urbano apresenta.

Por meio do conceito de macrocefalia urbana, Santos (2004, p. 306) descreve como a massiva concentração das atividades econômicas em algumas metrópoles propícia o desencadeamento de processos descompassados: redirecionamento e convergência de fluxos migratórios, *déficit* no número de empregos, ocupação desordenada de determinadas regiões da cidade, marginalização de estratos sociais etc..

Na cidade, a violência criminalizada está arraigada à desigualdade existente entre as classes abastadas e as populações desprivilegiadas. Além da má distribuição de renda e riqueza, recursos urbanos de toda ordem (serviços e equipamentos coletivos) são distribuídos de forma desigual.

Não se almeja com isso afirmar que a desigualdade sócio-econômica seja a causa da violência. Sem adiantar conclusões, pode-se afirmar que a causalidade da criminalidade violenta nunca se deve a um único fator, mas sempre a um conjunto de fatores.

A maneira desigual e contraditória pela qual o espaço urbano é construído e reproduzido torna a cidade um palco privilegiado para os conflitos e desentendimentos interpessoais. A violência emana neste contexto e é influenciada pela segregação social. Da mesma maneira que o espaço urbano é fragmentado, a violência se desdobra distintivamente atingindo estratos da sociedade de forma diferenciada.

5- METODOLOGIA DO ÍNDICE DE VIOLÊNCIA CRIMINALIZADA (IVC)

Em tempos recentes, mensurar a distribuição espacial da violência tem sido uma meta perseguida por gestores públicos, pesquisadores, estudiosos especializados e formadores de opinião. Várias metodologias foram propostas para tal fim. Entretanto, muitas apresentaram

limitações, uma vez que a criminalidade violenta é um dos problemas sociais mais complexos da contemporaneidade.

Na maioria das vezes, o tratamento das informações sobre violência é efetuado por métodos que evidenciam somente os homicídios como indicador violento. Isso permite leituras incompletas e equivocadas do fenômeno. Estas são difundidas cotidianamente pelos meios de comunicação sem o menor controle e cuidado. Quantas vezes lemos nos jornais, revistas e artigos que “a cidade Z é a mais violenta do país” ou que “o bairro J é o mais violento da cidade”.

Na verdade, o homicídio é o principal exponencial da violência, pois envolve vigor e potência no emprego da força física, com ou sem o uso de armas, resultando em grave perturbação e sofrimento alheio. Todavia, ele não retrata a totalidade da violência percebida e consumada nos centros urbanos brasileiros. A imposição do medo de viver em cidades como Vitória é construída a partir da conjugação de tipos de criminalidade violenta diversos.

Visando contribuir com o debate sobre a violência este estudo apresenta o Índice de Violência Criminalizada (IVC). Definido, segundo a literatura estatística, como um indicador síntese, o IVC possui semelhanças metodológicas com o IDH⁸ (ONU/PNUD, 2005, *on-line*). Ele é formado pela associação de nove indicadores básicos que são constituídos por grupos de variáveis criminais. A figura 01 mostra esquematicamente como o Índice de Violência Criminalizada foi estruturado. A Tabela 01 apresenta a agregação das variáveis que compõem os indicadores básicos do IVC.

⁸ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) no início da década de 90 e é composto por três indicadores, aos quais são atribuídos pesos iguais: longevidade, educação e renda.

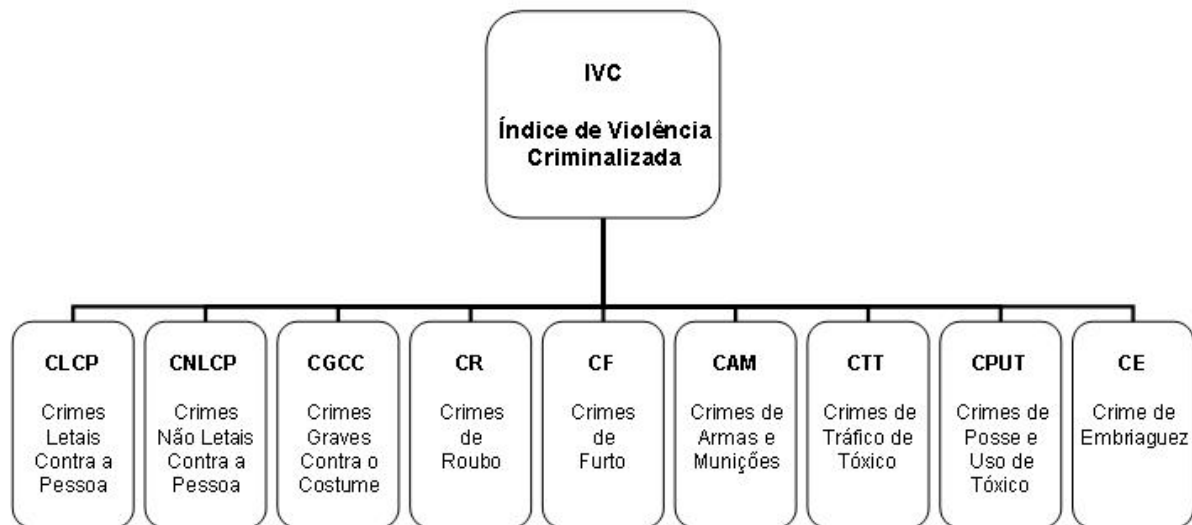


FIGURA 01 - DIAGRAMA DE CONSTRUÇÃO DO ÍNDICE DE VIOLÊNCIA CRIMINALIZADA

SIGLA	INDICADOR	VARIÁVEIS
ICLCP	Crimes Letais Contra a Pessoa	Homicídios, Latrocínios, Encontro de Cadáver e <i>Tentativas de Homicídios</i>
ICNLC P	Crimes Não Letais Contra a Pessoa	Lesões Corporais, Rixa, Vias de Fato e Ameaça
ICGCC	Crimes Graves Contra o Costume	Estupro e Atentado Violento ao Pudor
ICR	Crimes de Roubo	Somatório dos Roubos em e de Patrimônios
ICF	Crimes de Furto	Somatório dos Furtos em e de Patrimônios
ICAM	Crimes de Armas e Munições	Porte Ilegal de Armas, Fabricação Ilegal de Armas e Munições, Apreensão de Arma de Fogo e Disparo de Arma
ICTT	Crimes de Tráfico de Tóxico	Tráfico de Maconha, Cocaína e Outros Entorpecentes
ICPUT	Crimes de Posse e Uso de Tóxico	Posse e Uso de Maconha, Cocaína e Outros Entorpecentes
ICE	Crime de Embriaguez	Embriaguez

TABELA 01 - ESTRUTURA DOS INDICADORES

O cálculo do IVC se baseou nos dados sobre violência do CPOM da Polícia Militar. Antes da estimativa dos índices, esses números foram submetidos ao tratamento estatístico da taxa bruta (por grupo de 1.000 habitantes) que viabilizou, através da razão entre os tipos de criminalidade violenta selecionados e a população, a análise e comparação de unidades geográficas com diferentes magnitudes demográficas.

Mesmo possuindo as tabulações sobre os incidentes criminais para o período 1993-2003, este estudo estabeleceu o ano 2000 como referência temporal para o cálculo dos índices. Tal escolha foi influenciada pela indisponibilidade da população, distribuída por bairro, para outros anos. É importante ressaltar que 2000 foi o primeiro ano em que o IBGE estendeu a circulação do Statcart[®], programa computacional que fornece números populacionais digitalizados, em escala de detalhe.

As informações supracitadas foram correlacionadas na escala dos bairros da capital Vitória, que concentrou cerca de 14% dos 25.562 crimes contra o patrimônio, 29% dos 1.638 crimes de tóxicos, 8% dos 20.308 crimes contra a pessoa e 17% dos 1.438 homicídios capixabas em 2000 (CPOM-PM; SIM/DATASUS, 2000). A adoção da unidade geográfica de análise se deu de acordo com a idéia trabalhada por Cano e Santos (2001, p. 16). Segundo eles, quanto menores as áreas pesquisadas, mais eficazes e otimizadas tendem a ser as estratégias de controle e combate à violência.

Os softwares Excel[®] (Microsoft Corporation, 2002) e SPSS[®] 8.0 (Statistical Product and Service Solutions - SPSS Inc., 1997)⁹ tornaram possíveis os cálculos estatísticos do IVC. A utilização do aplicativo ArcMap[®] 9.X (Environmental Systems Research Institute - ESRI Inc., 2005) permitiu a realização das análises espaciais e a produção cartográfica no ambiente de trabalho do Sistema de Informação Geográfica - SIG.

Por fim, é importante salientar que a apresentação geo-estatística do Índice de Violência Criminalizada não possui a pretensão de traduzir toda a complexidade do fenômeno estudado, muito menos tem o propósito de contribuir para a estigmatização dos bairros que registram elevadas taxas criminais. Ao contrário disso, o presente índice tem como objetivo tornar-se ferramenta de análise e discussão frente ao debate sobre o referido tema, fornecendo elementos e subsídios para a ação governamental e comunitário-social.

6- ÍNDICE DE VIOLÊNCIA CRIMINALIZADA - IVC

⁹ SPSS é acrônimo de *Statistical Package for the Social Sciences* (Pacote Estatístico para as Ciências Sociais).

Como visto, o Índice de Violência Criminalizada é um indicador síntese que conjuga os nove indicadores básicos definidos na metodologia e apresentados pela coleção de mapas coropléticos.

O geoprocessamento do IVC permitiu a confecção da carta temática da Figura 02. Nela identifica-se algumas tendências de distribuição espacial da criminalidade violenta. Os bairros Enseada do Suá (0,689), Jabour (0,626), São Pedro (0,596) e Boa Vista (0,535) evidenciaram os maiores valores de IVC.

Na Enseada do Suá, área de intensa circulação de pessoa, que congrega pontos econômicos estratégicos do setor terciário (prédios públicos, estabelecimentos financeiros e comerciais de grande porte, entre outros) e espaços de lazer, como a Praça do Papa e curva da Jurema, os indicadores de crimes de furtos, roubos, embriaguez, armas e munições, crimes letais e não letais contra a pessoa, crimes graves contra o costume e crimes de posse e uso de entorpecente contribuíram para o destaque do bairro.

Em Jabour, a dinâmica criminal foi influenciada principalmente pelos crimes letais contra a pessoa, crimes de tráfico de entorpecente, posse e uso de tóxico, roubos, furtos, crimes não letais contra a pessoa e crime de embriaguez. Neste bairro, constatou-se o problema da sobrestimação dos registros policiais. Jabour, bairro de classe média e com manchas de comércio específico (margens da avenida Fernando Ferrari), congregou delitos referentes aos crimes contra o patrimônio. Tal situação foi agravada, pois delitos contra a pessoa e crimes de entorpecentes supostamente cometidos no bairro vizinho, Maria Ortiz, foram creditados a Jabour devido à questão da incompatibilidade das bases de informação da Polícia Militar e da Prefeitura Municipal de Vitória.

Um pouco mais ao sul, Boa Vista se evidenciou apresentando elevados índices de violência em todos os indicadores básicos do IVC. Com exceção dos crimes letais contra a pessoa, o bairro vizinho, Goiabeiras (0,230), também evidenciou valores preocupantes de criminalidades diversas: ICNLCP, ICE, ICF, ICR, ICAM, ICF E ICR.

Destacado na porção noroeste da Ilha, São Pedro (0,596) apresentou elevados índices de crimes letais e não letais contra a pessoa, crimes de tráfico de tóxico, armas e munições, embriaguez e furtos.

O grande conglomerado localizado na região sudoeste de Vitória, formado pelos bairros: Morro do Quadro (0,313), Vila Rubim (0,291), Parque Moscoso (0,286), Forte São João (0,268), Ilha do Príncipe (0,253), Santo Antônio (0,232) e Centro (0,217) foram destacados devido aos seguintes índices: ICLCP, ICTT, ICPUT, ICAM, ICGCC, ICR, ICF, ICNLCP e ICE.

Na porção central da Ilha, Jucutuquara (0,305) e Santos Dumont (0,213) tornaram-se evidenciados pelos crimes de roubos, furtos, crimes não letais contra a pessoa e crimes de embriaguez.

Por fim, o IVC dos bairros Morro São Benedito (0,250) e Consolação (0,232) foram influenciados, sobretudo, pelos crimes letais e não letais contra a pessoa, crimes de armas e munições, tráfico de entorpecente e embriaguez.

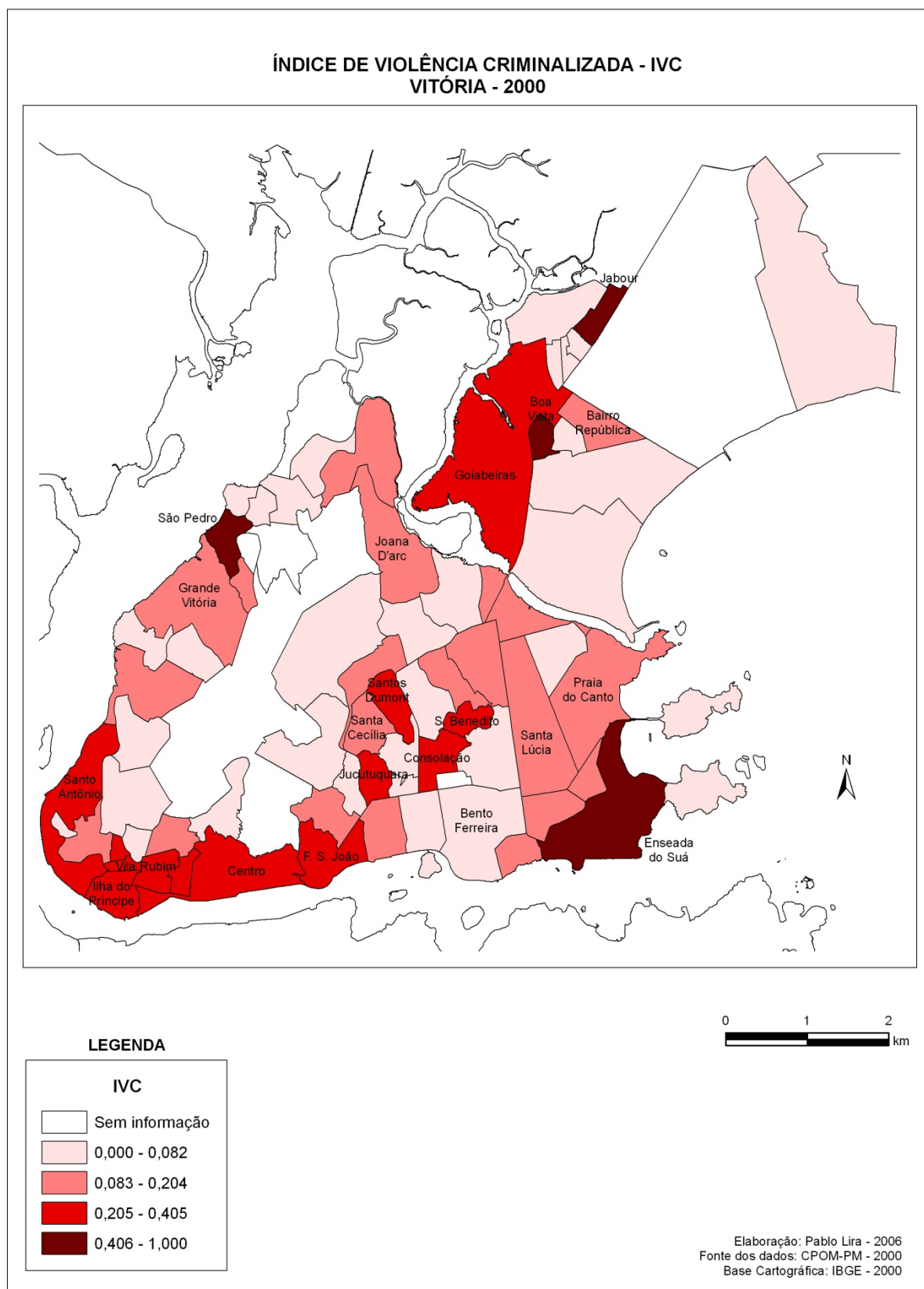


FIGURA 02 - MAPA DO ÍNDICE DE VIOLÊNCIA CRIMINALIZADA, VITÓRIA 2000

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano de 2002 a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou o *Relatório Sobre Violência e Saúde*. Além de trazer definições, abordagens e propostas de políticas públicas, este também ressaltou pontos estratégicos para a prevenção da violência no mundo:

- Criar, implementar e monitorar um plano nacional para a prevenção da violência;
- Incrementar a capacidade de coleta de dados sobre a violência;
- Definir prioridades e apoiar pesquisas sobre causas, conseqüências, custos e prevenção da violência;
- Promover respostas preventivas à violência;
- Integrar a prevenção da violência nas políticas sociais e educacionais, promovendo a igualdade entre sexos;
- Ampliar a colaboração e troca de informações para a prevenção da violência;
- Promover e monitorar a vinculação aos tratados e mecanismos internacionais de direitos humanos; e
- Buscar parcerias e cooperação internacionais para combater o comércio ilegal de armas e drogas (KRUG, 2002, pp. 246-254, tradução nossa).

Considerando que as idéias apresentadas neste estudo favorecem e contemplam parte das recomendações listadas pela OMS, infere-se que a análise levantada pelas discussões em torno da construção e geoprocessamento do Índice de Violência Criminalizada - IVC consiste em mais uma perspectiva de abordagem da violência, que facilita o entendimento de sua distribuição espacial e visa subsidiar a formulação de estratégias de combate e prevenção.

A hipótese inicial, sobre a possível influência exercida por fatores estruturais sobre o fenômeno violência, foi comprovada e melhor analisada através dos cruzamentos estatístico-cartográficos. Como foi demonstrado, o antagônico processo de *crescimento econômico e retrocesso social*, no qual o município de Vitória estava inserido, contribuiu para mudanças radicais na divisão do trabalho e na distribuição de renda. Aliadas a falta de adequadas políticas públicas, que poderiam contornar os problemas trazidos pela dinâmica econômica estabelecida nas décadas de 70 e 80, tais transformações favoreceram a

degradação urbana. A desigual distribuição espacial do crescimento econômico-industrial produziu desequilíbrios e gerou reflexos sociais que contribuíram para o surgimento e ascensão da dinâmica criminal.

Em Vitória, a violência emanou das contradições e hierarquizações sociais cristalizadas no espaço urbano. No que tange a distribuição dos crimes contra a pessoa e contra o patrimônio, o comportamento diferencial da violência revelou como os fatores sócio-econômicos influem nas tendências de concentração.

Em contra partida, a incidência de crimes letais contra a pessoa mostrou significativas semelhanças de distribuição espacial, geralmente concentrada nos bairros desfilados, com a ocorrência dos delitos de tráfico de drogas ilícitas. Constata-se que, geralmente, os crimes letais estão correlacionados positivamente com as ações das quadrilhas do tráfico. As ações violentas promovidas pela delinquência organizada são fundamentadas pela complexa associação do uso de entorpecentes e armas de fogo, dinheiro no bolso, enfrentamento da morte e banalização da vida.

Nesta perspectiva, evidencia-se como o consumo abusivo do álcool articula-se com várias formas de violência criminalizada e como o *status* de legalidade torna esta droga socialmente aceita. O uso indiscriminado do álcool se caracteriza como um significativo fator de risco para o cometimento de atos violentos, pois potencializa situações de desentendimentos acerca de paixões não correspondidas, dívidas não saldadas e “bate-boca” de vizinhos.

O panorama apresentado no sub-item anterior facilitou o entendimento da geografia do crime do município de Vitória. Por meio da conjugação de crimes diversos, conglomerados de bairros tornaram-se evidenciados no mapa síntese do IVC. Dessa forma, espera-se que as discussões levantadas e as informações aqui apresentadas possam viabilizar direta ou indiretamente o cumprimento de parte das recomendações retro-listadas.

Assim como a OMS, acredita-se que as intervenções não repressivas, referentes ao problema estrutural da criminalidade violenta, são muito mais eficientes que as medidas repressivas. Entretanto, não se pode pensar que as ações preventivas são suficientes para sanar o problema em questão. Os níveis alarmantes atingidos e a complexidade da violência sugerem a conjugação de ambas formas de intervenção.

Nas três últimas décadas, os governos capixabas, acompanhando a tendência nacional, assistiram quase que paralisados ao aumento das taxas de violência. As poucas investidas de controle da criminalidade se consumaram através de respostas isoladas e desarticuladas. Ao mesmo tempo, o governo federal tolerou necessárias reformas legislativas e judiciárias, privilegiando a impunidade, consentiu com o fracassado modelo penitenciário, contribuindo para o superpovoamento dos presídios, e não investiu de maneira adequada no monitoramento das fronteiras, favorecendo o contrabando de armas e drogas em território nacional.

A combinação desses exemplos de má gestão e inoperância do Estado culminou nos preocupantes níveis de violência do presente e, conseqüentemente, na sensação de insegurança disseminada nos estados e municípios.

Como visto, o processo de ascendência dos índices de violência na capital do Espírito Santo está arraigado à correlação de uma série de fatores estruturais. Tomando como exemplo o caso dos homicídios, que em Vitória cresceram a uma taxa média anual de 3,7% (Figura 03), constata-se que seu recrudescimento se deu em ritmo constante, salvo alguns picos, desde o início da década de 80.

A fim de fornecer um quadro prognóstico, que mostre as futuras tendências deste tipo de crime, apresenta-se o *Gráfico do Número de Homicídio* (Figura 03). Para a construção deste, considerou-se uma suposta inversão da atual tendência de crescimento dos assassinatos. Empiricamente aplicou-se à estimativa do número de homicídio uma redução média de 3,7% ao ano.

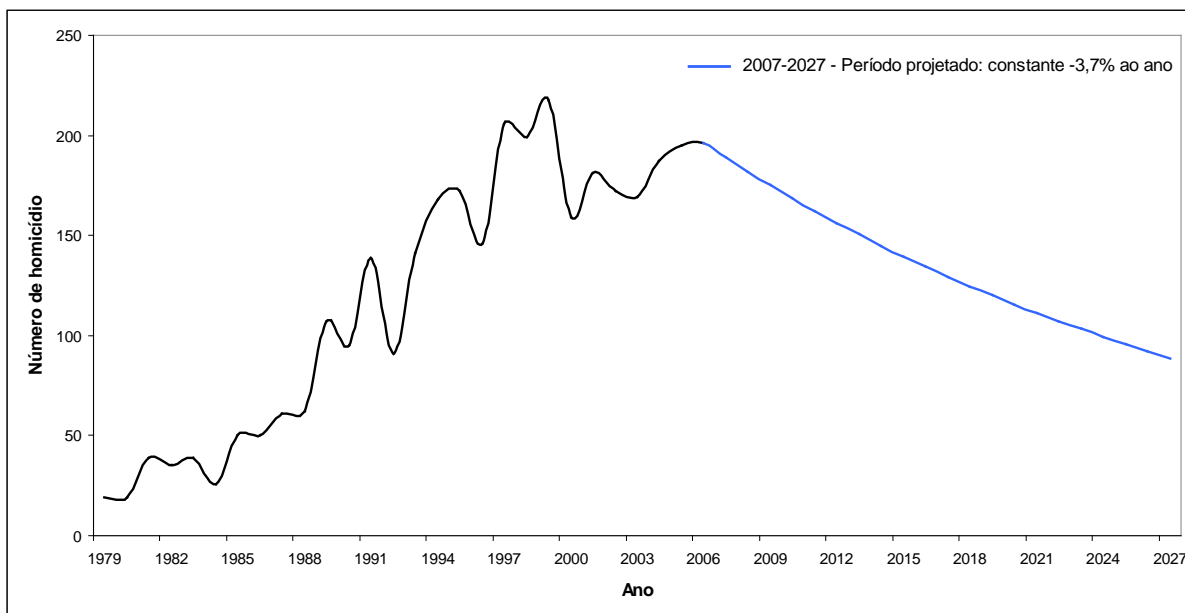


FIGURA 03 - GRÁFICO DO NÚMERO DE HOMICÍDIO, VITÓRIA 1979-2027

Fonte: SIM/Datasus (1979-2004), CIODES/PM (2005-2006); Org.: Pablo Lira (2006)

Este quadro demonstra uma projeção de cenário otimista. Nele pode-se constatar que a problemática dos homicídios se desenvolveu durante os últimos 27 anos. Além disso, o gráfico revela que nos próximos 20 anos, período projetado para a suposta redução média de 3,7% ao ano, os homicídios podem sofrer uma redução hipotética de 45% no município de Vitória.

Diante disso, não se pode acreditar em uma redução imediata dos valores dos homicídios ou de qualquer outro delito. Na verdade, deve-se pensar racional e sensatamente em uma redução gradativa da violência. Para que esta situação se concretize deve existir o comprometimento de um trabalho que conjugue ações integradas e reformas na esfera das instituições incumbidas de combater e reprimir as manifestações de violência e no campo das políticas públicas preventivas.

6- REFERÊNCIAS

ANDERSON, T. **An introduction to multivariate statistical analysis**. 2. ed. New York - EUA: J. Wiley, 1984.

ASSUNÇÃO, Renato *et al.* Mapas de taxas epidemiológicas: métodos estatísticos. *In: Cadernos de Saúde Pública*, 1998, v. 14, pp. 713-723. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

BACCI, Massimo. **Introduzione alla demografia**. 3. ed. Torino - ITA: 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro - RJ: Bertrand Brasil, 2003.

BRITTO, Francisco Saturnino Rodrigues. **Projecto de um novo arrabalde**. Disponível em: <<http://www.ape.es.gov.br/>>. Acesso em: 21 dez. 2008.

BURKE, Peter. Violência urbana e civilização. *In: OLIVEIRA, Nilson (org.). Insegurança pública: reflexões sobre a criminalidade violenta urbana*. São Paulo - SP: 2002, pp. 32-50.

CALDEIRA, Teresa. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo - SP: Editora 34 / Edusp, 2000.

_____. Violência, direitos e cidadania: relações paradoxais. *In: Ciência e Cultura*. V. 54, n. 1, 2002, pp. 44-46. Disponível em: <<http://www.cienciaecultura.bvs.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2008.

CAMPOS JUNIOR, Carlos Teixeira. **A construção da cidade: formas de produção imobiliária em Vitória**. Vitória - ES: Florecultura, 2002.

_____. **O estudo da construção como uma contribuição á história da cidade**. Disponível em: <<http://sitemason.vanderbilt.edu/>>. Acesso em: 21 dez. 2007.

_____. **O novo arrabalde: aspectos da formação urbana de Vitória**. Vitória - ES: PMV, 1996.

CANO, Inácio; SANTOS, Nilton. **Violência letal, renda e desigualdade social no Brasil**. Rio de Janeiro - RJ: 7letras, 2001.

CANO, Inácio; SOARES, Gláucio. **As teorias sobre as causas da criminalidade**. Rio de Janeiro - RJ: IPEA, 2002.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. 7ª ed. São Paulo - SP: Contexto, 2003.

CASTIGLIONI, Aurélia. Processo de crescimento da Grande Vitória. *In: Revista Instituto Jones*, v. 7, n. 1. Vitória - ES: IPES, 1994, pp. 9-10.

CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO Waldir. **Determinantes da criminalidade: uma resenha dos modelos teóricos e resultados empíricos**. Rio de Janeiro - RJ: IPEA, texto para discussão n. 956, 2003.

_____. **Criminalidade, ambiente socioeconômico e polícias: desafios para os governos.** Rio de Janeiro - RJ: IPEA, 2004.

CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO Waldir; CARVALHO, Alexandre. **O jogo dos sete mitos e a miséria da segurança pública no Brasil.** Rio de Janeiro - RJ: IPEA, texto para discussão n. 1144, 2005.

DURANTE, Marcelo; ZAVATARO, Bruno. Limites e desafios da evolução da gestão em segurança pública: a importância do uso de indicadores de avaliação de desempenho. *In: São em perspectiva.* São Paulo - SP: v. 21, n. 1, pp. 76-91, 2007.

HARPER, Douglas. **Online etymology dictionary.** Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 2 nov. 2005.

HARRIES, Keith. **Mapping crime: principle and practice.** Washington DC - EUA: 1999.

KRAUSE, Keith; MUGGAH, Robert. **La violencia armada en América Latina y el Caribe.** Disponível em: <<http://www.genevadeclaration.org>>. Acesso em: 7 jun. 2009.

KRUG, Etienne *et al.* **Relatório mundial sobre violência e saúde.** Brasília - DF: OMS/OPAS/UNPD, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Belo Horizonte - MG: Ed. UFMG, 1999.

_____. **O direito à cidade.** São Paulo - SP: Documentos, 1969.

LIRA, Pablo. **Geografia do Crime: construção e geoprocessamento do Índice de Criminalidade Violenta - IVC no município de Vitória-ES.** 2007. 124 f. Pesquisa Acadêmica. Vitória: UFES, 2007.

MARSHALL, John. Mapping disease and mortality rates using empirical Bayes estimators. *In: Applied Statistics.* London - ING, n. 40, pp. 283-294.

MISSE, Michel. As ligações perigosas: mercado informal ilegal, narcotráfico e violência no Rio. **Contemporaneidade e educação.** Rio de Janeiro - RJ, v. 2, n. 1, 1997.

_____. **Crime e violência no Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro - RJ: Lúmen Júris, 2006.

PERALVA, Angelina. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro.** São Paulo - SP: Paz e Terra, 2000.

PINHEIRO, Paulo; ALMEIDA, Guilherme. **Violência urbana.** São Paulo - SP: Publifolha, 2003.

RAIZER, Eugênia *et al.* Projeto Banco de Dados sobre Violência Criminalizada. *In: Ufes cidadã*. Vitória - ES: Edufes, v. 1, n. 1, pp. 1-40, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo - SP: Edusp, 2006.

_____. **Espaço e método**. 3. ed. São Paulo - SP: Nobel, 1992.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo - SP: Edusp, 2004.

SHERMAN, Lawrence. Hot spots of crime and criminal careers of places. *In: J.E. Eck and D. Weisburd, (eds.). Crime and Place*. Monsey - EUA: Criminal Justice Press, 1995, pp. 35-52.

SILVERMAN, B. W. **Density Estimation for Statistics and Data Analysis**. New York - EUA: Chapman and Hall, 1986.

SIQUEIRA, Maria da Penha. **Industrialização e empobrecimento urbano: caso da grande vitória 1950-1980**. Vitória - ES: Edufes, 2001.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência IV: os jovens do Brasil**. Brasília - DF: UNESCO, 2004.

WHOSIS. **World Health Organization Statistical Information System**. Disponível em: <<http://www.who.int/whosis/en/>>. Acesso em 20 dez. 2007.

ZALUAR, Alba. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. *In: São em perspectiva*. São Paulo - SP: *on-line*, v. 13, n. 3, pp. 3-17, 1999.

_____. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro - RJ: Editora FGV, 2004.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (orgs.) **Um século de favela**. Rio de Janeiro - Rj: 2006.

ZANOTELLI, Cláudio. O espaço da violência na Grande Vitória: o caso dos homicídios. *In: CAMACHO, Thimoteo (org.). Ensaios sobre violência*. Vitória - ES: Edufes, 2003, pp. 237-260.

ZANOTELLI, Cláudio; RAIZER, Eugênia; VALADÃO, Vanda (orgs.). **Violência e contemporaneidade: dimensões das pesquisas e impactos sociais**. Vitória - ES: Grafita Gráfica / Editora NEVI, 2007.

ZANOTELLI, Cláudio *et al.* **Atlas da Criminalidade Violenta da Grande Vitória - ES 1993-2003**. Vitória - ES: Departamento de Geografia - UFES, 2005.

_____. Criminalidade violenta e fragmentação urbana na Grande Vitória. *In: Revista geografares*. Vitória - ES: Edufes, junho/2006. n. 5, pp. 35-69.

_____. **Mapa da criminalidade no Espírito Santo 1979-2006**. Relatório de Pesquisa. Vitória - ES: NEVI/UFES, 2007a.

_____. Mapa da criminalidade no Espírito Santo 1979-2006. *In: ZANOTELLI, Cláudio; RAIZER, Eugênia; VALADÃO, Vanda (orgs.). Violência e contemporaneidade: dimensões das pesquisas e impactos sociais*. Vitória - ES: Grafita Gráfica / Editora NEVI, 2007b, pp. 73-89.